

IV. O caminho para a política

VM: Voltando então ao seu processo de decisão de deixar a Marinha para entrar na política...

HGM: Certo. Quando veio o novo Governo, em março de 2024, o ministro da Defesa (Nuno Melo) disse-me logo, nos primeiros encontros, que queria contar comigo para o futuro. E eu aceitei. Não lhe disse logo que sim, mas mostrei, pela minha atitude, que estava alinhado.

Só que – e isto é uma coisa importante – sempre achei que só devia desempenhar funções quando essas funções pudessem fazer a diferença. Porque senão qualquer outra pessoa poderia desempenhá-las; não sendo relevante o meu contributo, deveria ceder o meu lugar. E não iria impedir a progressão de um outro camarada só para ficar mais dois anos como um príncipe no palácio, a cortar fitas. Aliás, se eu não tivesse saído, a maior parte dos meus vice-almirantes passaria à reserva por limite de idade. Não achei isso justo para com camaradas que durante três anos serviram comigo lealmente a Marinha a um ritmo insano.

Algures em setembro de 2024 avisei o Conselho do Almirantado que não estaria disponível para continuar, se a minha presença não fosse realmente decisiva para uma mudança no rearmamento e na forma como o poder político olhava para a Marinha. Nessa altura

disse-lhes que o mais provável era ir-me embora e que se preparassem, pois um deles seria o próximo CEMA.

A conclusão a que cheguei foi que as pessoas queriam que eu ficasse pelos piores motivos. O poder político, apesar da guerra e de todos os problemas, não estava verdadeiramente interessado em mudar nada nas Forças Armadas nem na defesa – como, aliás, parece ainda não estar, apesar de muita retórica. Falam, falam, falam... mas depois não concretizam nada. E eu apercebi-me disso.

Foi nesse período que saiu o artigo no *Expresso* a dizer que eu estava a chantagear o Governo...⁶

VM: Foi esse o momento exato da sua decisão de se candidatar? Um artigo de jornal?

HGM: Foi esse artigo que me fez definir o rumo. Porque quando o li, fiquei mesmo danado. Não sei quem é que inspirou o título com a palavra «chantagear», mas não gostei. Conheço bem o Vítor Matos e falei muitas vezes *off the record* com ele sobre os meus planos para a defesa, mas nunca referi qualquer chantagem. E nunca exigi nada ao ministro da tutela para continuar: achava que já tinha dito e exposto o suficiente para tirarem conclusões, mas nunca fiz qualquer chantagem ou coloquei condições.

Porém, de facto o Governo – e também o Senhor Presidente da República – não pareciam interessados em nada da defesa, para além de fazerem umas correções nos ordenados dos militares. Assim, deduzi que o que pretendiam era que eu ficasse amarrado à Marinha

⁶Em outubro de 2024, o *Expresso* noticiou: «O Presidente da República gostava de reconduzir o almirante Gouveia e Melo por mais dois anos no cargo de chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA) – para lhe travar uma candidatura presidencial –, mas o militar, que continua a liderar as sondagens para Belém, só aceitará ficar à frente da Marinha se tiver garantias de que o Governo vai aumentar o investimento de forma significativa na força naval portuguesa, apurou o *Expresso*. Caso não tenha essa segurança até ao fim do mandato, que termina a 27 de dezembro, Gouveia e Melo seguirá para a vida civil e deverá ponderar se avança ou não para uma candidatura presidencial, possibilidade que tem mantido em aberto.»

com o eventual «prémio» de, no fim, poder ser CEMGFA e atingir o topo da carreira militar. Pensaram, especulo eu, que ficaria muito contente por me darem a oportunidade.

Só que essas pessoas verdadeiramente não me conheciam. Porque essa é a única coisa que eu nunca faria: ser príncipe só para cortar fitas. Quando me criticam – e isto é curioso –, dizem que sou ambicioso. Eu sou ambicioso de *fazer coisas*, não de *ser importante*. Para mim, *ser importante* significa ter poder para *fazer coisas*, ou então é uma inutilidade e perda de tempo.

Ora, queriam dar-me importância sem me darem poder para fazer nada. Muito obrigado. Foi aí que decidi: vou entrar no campo das verdadeiras decisões, a política. Achei que havia um certo autismo aos ventos de mudança e um alheamento perigoso do que se aproximava, principalmente com a indeterminação da possível reeleição de Trump, somada a tudo o que se estava a passar na cena internacional. Pensei, «se os senhores não estão sequer preocupados, ficar não faz sentido, o meu contributo só poderá ser útil cá fora, precisamente no meio político».

VM: Não lhe davam os instrumentos...

HGM: Não nos dão... Portanto, eu preferi vir a contribuir para a decisão noutro patamar, o patamar político, e verdadeiramente poder ajudar a resolver este e outros problemas que achei que afligem o país há muito tempo, sem solução.

Foi mesmo uma convicção de serviço público, em me disponibilizar a ocupar o lugar no qual podia realmente fazer a diferença.

Tinha, por um lado, o «bem-bom» numa mão: mais dois anos de carreira, acabava no topo das Forças Armadas. Na outra, a incerteza absoluta: um projeto político com destino incerto. Pelo menos, espero que me façam a justiça de ter decidido pela incerteza absoluta. Porque concorrer sem partido não é certamente fácil, assim como enfrentar complexos não resolvidos e históricos da nossa Revolução.

VM: Já tinha noção da sua taxa de popularidade...

HGM: Mas a popularidade não chega para se ser Presidente. É preciso ter uma máquina, ter apoios. Eu não tenho partidos. Acima de tudo, torna-se necessário movimentar um conjunto elevado de boas vontades para se chegar lá. Portanto, não tenho a certeza – ainda hoje, quando estou a dar esta entrevista – de que chegarei a esse destino. Agora, eu sacrifiquei tudo o que me estavam a dar porque acredito piamente que a minha presença na corrida vai contribuir para se discutirem novas ideias e posturas, e só isso já é uma vitória. Nem estou a falar da vitória nas presidenciais, mas só a minha presença vai certamente influenciar a governação. De certa forma, já está a fazê-lo.